

Especial

Mercado aguarda definições para o aumento da mistura obrigatória de biodiesel **Página B12**

União Europeia está liberando € 4,2 bilhões para ajudar os agricultores europeus **Página B12**

Eleições 1989 Devoção a ex-presidente não resultou em avanços sociais e econômicos para a população

Em Roteiro, Collor iguala-se a Lula

Caio Junqueira De Roteiro

“Bem vindo ao Paraíso”. A placa, cravada de balas, faz referência à praia do Gunga, incluída em qualquer guia turístico como uma das mais bonitas do país. Está fincada no limite entre o asfalto da rodovia AL-420 e os 12km da estrada terra que chega ao município de Roteiro. Foi lá que, há 20 anos, Fernando Collor de Mello conseguiu 87,7% dos votos, proporcionalmente seu melhor desempenho no país.

Essa devoção a Collor, porém, trouxe pouco retorno para Roteiro. Menos de 0,1% das residências têm acesso a esgoto sanitário. Água encanada, só em 37,8% dos lares. Metade da população é analfabeta. A cidade também está no roteiro da violência do Estado. Os carros transitam em baixíssima velocidade pela acidentada estrada de terra e se tornam alvo fácil de assaltantes encapuzados, que param os veículos e tomam os pertences de seus passageiros.

Ali Collor está no mesmo patamar de devoção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Foi ótimo presidente, é trabalhador e honesto. É um rapaz vistoso e o povo fica tudo doido com ele. Fica doido também com o Lula. Eles são ótimos. Todos são bons, não tenho o que dizer desse povo”, diz Sebastião dos Santos, 59, sorveteiro. Sua avaliação coincide com a do músico Edvani Nascimento, 37 anos: “É um cara que sabe trabalhar. O tempo que ele passou presidente foi muito bom. Meu pai sempre falava que ele era legal. Desde pequeno escutando isso, ficou”.

O encantamento vem adicionado ao modo de falar, “elegante”, e a trajetória “em defesa dos pobres”. “Quando aparece um para trabalhar pela pobreza aparecem outros mil contra ele. Collor é que nem o Lula. Só ríam pra ver se tira ele. Quando aparece um para trabalhar pela gente o rico quer que só trabalhe para ele”, diz o cortador-de-cana José Luciano da Silva, 35 anos, funcionário da usina Caeté e morador de uma simples casa com uma das melhores vistas da cidade, a laguna de Roteiro. “Collor saiu por causa dos poderosos. O povo apoia Collor, ele já mostrou serviço. Se fosse pelos pobres ele teria continuado. Quando veio, Roteiro fechou para olhar o homem. Prometeu muita coisa boa” disse.

Na campanha ao Senado em 2006, Collor chegou no helicóptero “288, o senador do povo” pe-

O reduto

O voto da subsistência



População: 6.692 habitantes
Distância: 45km ao sul de Maceió
Economia: cana-de-açúcar e caranguejo
Receita tributária: R\$ 140,4 mil
IDH: 0,522 (5450 colocação no país)
Esgoto sanitário: 0,1% das residências
Água encanada: 37,8% das residências

la manhã, desceu a colina acompanhado da multidão e improvisou um palanque nas escadarias da igreja, de onde avistava a laguna de Roteiro e a imagem de padre Cícero, o “santo nordestino”, encrustada a poucos metros do seu palanque. “Quando ele veio foi o maior assombro, uma euforia. As pessoas comentam até hoje. Foi um dia extraordinário”, afirma Alex, o padre da cidade.

“Ele é simpático, o jeito de se comunicar com as pessoas. Ele passou aqui, as pessoas aplaudindo, ele dava a mão, perguntava se tava tudo bem. Já teve gente que veio aqui e nem olhava para nós”, afirma Maria Antonia Silva, 50 anos, moradora da principal rua da cidade.

Entre as promessas, está o asfaltamento da estrada de terra, que ainda não chegou nesses dois anos e meio de mandato no Senado, o que em nada mexe no imaginário do roteirense de que Collor é trabalhador. “A pista aqui para Roteiro quem fez foi ele”, continua José Luciano, referindo-se à estrada de terra.

O impeachment de Collor é considerado pela população uma perseguição política e, desse modo, uma injustiça cometida contra ele. “A desgraça do Collor foi o irmão dele. Ele foi o culpado. O irmão botou a fama nele e o pessoal acreditou. Porque o que se passa hoje no mundo e o que a gente vê na tevê é tudo muito pior e porque só ele teve que sair do cargo?”, afirma o aposentado Cícero Pedro dos Santos, 80 anos, “ex-tudo” segundo ele. Já cortou cana, já fez tijolo, já carpiu pasto, já plantou muda. “Não tenho muita lembrança de quando Collor foi presidente, mas foi um bom governador e presidente. Nunca me fez mal. É uma boa pessoa. Dentro do



Luciano da Silva: “Quando aparece um contra a pobreza, aparecem outros mil contra ele”

Brasil não teve presidente como Collor e Lula. Só trabalham contra a pobreza. A volta do Collor é boa para tudo”, acrescenta.

A merendeira da única escola da cidade, Nelci Sebastiana, 52 anos, lembra de sua saída da Presidência. “A saída foi ruim para ele e para as pessoas que amavam ele. Mas vez vezes que ele se candidatou eu voto nele. É o meu presidente. O dia em que ele veio aqui a gente andou na rua. Gosto do jeito dele de se expressar. Ano que vem voto nele pra governar e no Lula para presidente”, diz.

Para Edvani, o músico, os acontecimentos que derrubaram Collor não tiveram sua participação. “O roubo que teve não foi culpa dele, foi do pessoal dele”.

Felipe Hermann, 20 anos, é uma das poucas vozes dissonantes. Filho de um pastor da Assembleia de Deus, figura entre os 343

moradores da cidade (7,2%) que completaram o ensino médio. Uma exceção frente aos 2.661 sem instrução (55,6%) e aos 1.745 que terminaram apenas o ensino fundamental (36,5%) no município. Ele interrompe a leitura do livro “Herança Sacerdotal”, escrito pelo pastor Rene Terra Nova e destinado a filhos de pastores. É crítica Collor e seus eleitores.

“Para mim, Collor é um Hitler bonzinho, pela capacidade de persuasão que tem e pelo poder de suas palavras. Não sei o que o povo vê, é um feitiço, ele encanta as pessoas. É algo inexplicável. É um mito”, afirma. Ele classifica de injustiça o que Collor fez com os alagoanos e os brasileiros. “Tantos alagoanos lá no poder e Alagoas nesse Estado. É mal de alagoano se iludir com pouca coisa e palavras bonitas. É como se tivesse ouvido tapado. A população é muito desinfor-



Felipe Hermann: “Não sei o que o povo vê. É um feitiço, ele encanta as pessoas. É um mito”

mada. Essa cidade vai continuar afundando na lama”.

Collor voltou a Roteiro em 2008, para auxiliar na campanha de reeleição do prefeito Fábio Jatobá (PTB). “Quando disse que ele ia vir o povo morrer só faltou morrer”, afirma. Para ele, é difícil definir os motivos da força de Collor. “O que ele já passou, o que já sofreu na vida política dele faz com que ele seja o que é. É Collor. É Collor. É difícil de explicar. E não é porque ele é senador. Ele seria Collor, seria forte, mesmo se não tivesse o mandato”.

A presença de Collor na campanha acabou surtindo efeitos. Jatobá foi reeleito com 94,92% dos votos da cidade, um dos maiores percentuais do país. O desempenho se torna ainda mais aviltante ao levar em conta que ele exercera apenas um ano e meio de mandato.

O motivo é que o prefeito ante-

rior, Edvaldo dos Santos Ribeiro, foi assassinado junto com dois auxiliares em 2006, no crime que ficou conhecido como a “chacina de Roteiro”. Como a vítima já tinha assumido o cargo na condição de vice, uma vez que o prefeito eleito em 2004 renunciara ao cargo, houve novas eleições, conforme determina a lei.

O crime ocorreu na estrada de terra que leva a Roteiro. A mesma em que sua população é assaltada frequentemente, e que Collor, nas vezes que foi a cidade, não viu, vez que chegara de helicóptero. Restaram dois sobreviventes da chacina, que não viram os rostos dos encapuzados assassinos. O crime permanece impune. E Collor lá ainda reina soberano.

Esta é a última reportagem sobre os 20 anos da eleição de Fernando Collor de Mello à Presidência da República

Fronteira agrícola ampliou margem da vitória

De Maceió

Tocantins foi o Estado que proporcionalmente mais votos deu a Fernando Collor de Mello no segundo turno das eleições, em 17 de dezembro de 1989. Quatro outros Estados lhe deram votações superiores a 70% naquele primeiro turno: Roraima, Alagoas, Mato Grosso do Sul e Pará. Tirando seu Estado de origem, os demais têm em comum sua condição de fronteira agrícola, onde a população costuma ser muito sensível à exploração política do anticomunismo e da ameaça ao direito de propriedade, mote de Collor na reta final da campanha contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio César Jacob divide o eleitorado de Collor naquele ano em três bastiões: do eleitor do interior do país, o dos evangélicos pentecostais dos grandes centros urbanos e parte do voto de opinião escolarizado das maiores cidades do país.

No interior, aliada à força da vinculação de Luiz Inácio Lula da Silva ao comunismo, o domínio era dos então pefelistas (atual DEM), que fecharam desde o início questão pelo candidato do PRN. “A direita marchou unida em torno do Collor. O candidato do PFL, Aureliano Chaves, foi abandonado desde o come-

A geografia do voto collorido

Roteiro (AL) e Tocantins foram respectivamente o município e o Estado em que o ex-presidente teve maiores votações proporcionais

1º turno de 1989 (presidente)		2º turno de 1989 (presidente)	
Município	Votos válidos	Município	Votos válidos
Roteiro (AL)	87,07	Juruá (AM)	97,46
Novo Acordo (TO)	80,60	Anajás (PA)	97,2
Taquarana (AL)	80,25	Tapauá (AM)	96,9
Juruá (AM)	80,21	Roteiro (AL)	95,87
Japaratinga (AL)	79,35	IPIXUNA (AM)	95,48
Jaramataia (AL)	79,25	Guajará (AM)	93,95
Maravilha (AL)	79,12	Japurá (AM)	93,88
Jurema (PE)	78,85	Novo Acordo (TO)	93,54
Porto Real do Colégio (AL)	78,79	Caapiranga (AM)	93,41
Anajás (PA)	78,58	Augusto Corrêa (PA)	93,32

1º turno em 2002 (governador)		Turno único em 2006 (senador)	
Município	Votos válidos	Município	Votos válidos
Jequiá da Praia	67,43	Jequiá da Praia	74,34
Roteiro	67,35	Coruripe	73,47
Campo Alegre	65,47	Roteiro	70,73
Limoeiro de Anadia	65,03	Campo Alegre	69,59
Oliveira	64,30	Anadia	67,61

Fonte: Arquivo Cesar Jacob/PUC-Rio e Dados Eleitorais (Jaíro Nicolau/Superg)

ço. Ulysses Guimarães (PMDB) também. Mas o apoio a Collor foi às escaras, porque Collor batia no presidente José Sarney, do PMDB. Era o que as pesquisas indicavam que ele deveria fazer”, diz Jacob. Os ataques a Sarney se justificavam em sua baixa popularidade. Em setembro de 1989, o Datafolha divulgou uma pesquisa em que seu governo era considerado ruim ou péssimo por

68% dos entrevistados. A inflação mensal estava por volta dos 80%.

Outro aspecto dessas eleições levantado por Jacob é o voto religioso da periferia. “A periferia metropolitana pobre, dominada por pastores evangélicos pentecostais, estava ao lado do Collor e trabalhou para que ele fosse o candidato. Isso explica porque ele teve força nessas regiões das capitais do

país”, afirma o professor, que fez trabalhos analisando os resultados eleitorais em todas as eleições presidenciais desde 1989.

O terceiro fator foi o voto de opinião. Com um discurso liberal, moralizante e antigovernista, Collor conseguiu atingir parte da opinião pública escolarizada das grandes cidades, que se dividiu. “Nesses locais, Collor disputou

com a esquerda, representada por Lula, Brizola e Covas, o voto de opinião”, diz Jacob.

As piores votações de Collor ocorreram, pela ordem, no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pernambuco e Santa Catarina. Nos dois primeiros Estados, a baixa votação se deveu à força de Brizola, que levou seus eleitores para Lula. Santa Catarina era go-

vernado por um pemedebista histórico, Luiz Henrique da Silveira, ligado a Ulysses Guimarães. Pernambuco era o Estado natal de Lula e seu governador, Miguel Arraes, então no PMDB, trabalhou em favor do petista. No Distrito Federal, o movimento sindical do funcionalismo público federal era muito forte e ligado ao PT.

No Estado de São Paulo, Collor não mostrou força no primeiro turno, tendo em vista que muitos dos candidatos eram paulistas: Paulo Maluf (PDS), Ulysses Guimarães (PMDB), Guilherme Afif Domingos (PL), Mário Covas (PSDB) e Lula. No segundo turno, porém, o Estado se dividiu entre as duas candidaturas. Lula foi muito forte no ABC paulista, enquanto Collor ganhou no interior.

Além do enfoque pelo lado do eleitor, o professor César Jacob aponta outros motivos, do ponto de vista do candidato, que o levaram a vitória. “Collor introduz em sua campanha elementos até então desconhecidos. Com as pesquisas qualitativas, identifica a opinião média do eleitor para identificar os temas que deveria abordar. Fez também pesquisas de mídia para identificar a agenda dos veículos de comunicação. Passou a fazer o discurso competitivo em cima do que pensava o eleitor e os jornais.” (Cj)